

A ARQUITETURA ECLÉTICA E A MODERNIZAÇÃO DA PAISAGEM URBANA BRASILEIRA

João Henrique Bonametti*

RESUMO: Este trabalho tem como objeto de estudo a investigação da paisagem urbana brasileira como produto da arquitetura eclética do início do século XX, principalmente as intervenções paisagísticas e urbanísticas nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Tendo o ecletismo como parâmetro artístico estruturador da paisagem urbana, detecta os efeitos produzidos pela arquitetura eclética na construção de espaços livres e/ou revitalização dos antigos; como ocorreu este processo e quais as suas causas e conseqüências.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, paisagem urbana, ecletismo, intervenções.

1 A ARQUITETURA ECLÉTICA

Começou-se a observar claramente o nascimento do período contemporâneo pela falência da tradição humanista, que dominava a Europa desde o Renascimento. Além disso, a paisagem urbana burguesa necessitava de habitações para simbolizar o seu poder econômico; houve então, uma construção exagerada de habitações e o aparecimento do betão armado usado pela primeira vez em 1905, determinando uma nova forma de construção. Os modelos utópicos de planejamento procuraram soluções para uma sociedade industrial que havia nascido e crescido sem um planejamento urbano, por menor que este fosse.

O conceito de modernização surge no pensamento sociológico para descrever processos de transformação resumidos na passagem para a sociedade moderna que se industrializou e se desenvolveu à maneira das sociedades ocidentais. O caminho percorrido pelo capitalismo na Europa Ocidental e América do Norte é o modelo a ser seguido pelas demais sociedades. Nessa ótica, a cidade industrial, estigmatizada pela urbanização *caótica*, fraturada pela luta de classes, cindida pela concorrência, abalada por carências infra-estruturais, não seria mais encarada como contraditória em si mesma. Seus problemas não seriam vistos como intrínsecos e inevitáveis, mas como deficiências conjunturais. A modernização brasileira está relacionada diretamente ao atraso cultural. Os brasileiros se inserem no mundo moderno tardiamente e dependente de culturas exteriores ao nosso território.

Na maioria desses modelos utópicos havia uma forte sensibilidade quanto à higiene das cidades, onde as plantas verdes, na presença de luz, através da transformação do anidrido carbônico em oxigênio, tornou-se uma das grandes

* Professor de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Mestre em Arquitetura e Urbanismo

esperanças para melhorar a qualidade de vida urbana. Foram criadas condições para o aparecimento de um novo conceito, *o da higiene*, e como resultado direto disto à vegetação, o sol e o espaço são considerados como elementos essenciais para o paisagismo e urbanismo. Indo além das questões higienistas, os ideais naturalistas se apóiam nos românticos e os objetivos ecológicos começam a aparecer nos espaços verdes urbanos.

O final do século XIX foi denominado de *Belle Époque* e se caracterizou pela crença de que o progresso material possibilitaria resolver tecnicamente todos os problemas da humanidade. As cidades se tornaram um local privilegiado para usufruir o conforto material e contemplar as inovações introduzidas pela modernidade. O paradigma de modernização foi o de Paris com sua reforma urbana implementada por Georges Eugène Hausmman, entre 1853-1869.

No fim do século XIX, os arquitetos começaram a projetar edifícios decorativos em diversos estilos. Essa arquitetura é conhecida como *Eclética*. A palavra *eclétismo* significa a atitude antiga de formar um todo a partir da justaposição de elementos escolhidos entre diferentes sistemas. Pode ser eclético um sistema moral ou filosófico, uma coleção de objetos ou simplesmente o gosto ao vestir-se. Existiam dois níveis muito distintos: o útil e o decorativo. Para a mentalidade da burguesia, o banco devia ter a aparência externa de um palácio renascentista, e a casa de campo a de um castelo feudal. Esta hipocrisia encontra sua condenação junto aos construtores com formação científica séria.

Se a arte é eclétismo dos estilos, a arquitetura renunciará a ser arte, será engenharia. Não existem dois níveis, o artístico e o utilitário: existe apenas a função, ao mesmo tempo da estrutura do edifício e de sua razão de ser no espaço urbano. Com o *Art Nouveau*, a decoração também se torna tensão, elasticidade, expressão simbólica de uma funcionalidade cujo dinamismo é uma característica do mundo moderno. Como no gótico, a que se remete uma única corrente de força se difunde em todas as nervuras, até se dispensar nos milhares de regatos de uma ornamentação agora integrada às estruturas.

Caracterizado por exuberância decorativa, formas ondulantes, contornos sinuosos e composição assimétrica, o *Art Nouveau* procurou sempre um ritmo ascensional elegante, feito de linhas entrelaçadas que sugerem muitas vezes o mover instável das chamas.

A operação consiste essencialmente na rejeição do conceito unitário de *arte*, sob o qual se classifica cada arte individual e na delimitação do campo ou estrutura específica para cada uma delas; campo e estrutura cuja especificidade não pode ser senão a de suas respectivas técnicas. O campo da pintura é a percepção; o campo da arquitetura, a construção. A primeira diz respeito ao modo de receber a realidade; a segunda, ao modo de intervir na realidade, modificando-a. Com efeito, os dois procedimentos são independentes e não possuem parâmetros formais em comum; no entanto, eles têm um ponto de convergência porque, assim como o pintor estrutura ou organiza a realidade recebida num espaço perceptivo, os novos arquitetos estruturam e organizam o ambiente da vida num espaço construtivo. Tanto a arquitetura como a pintura, afinal, pretendem transformar a atividade artística de representativa em estruturante.

Sintetizando, define-se como *eclétismo* o desenho feito em muitos estilos por um artista, mais especificamente a prática de selecionar o melhor dentre vários estilos numa tentativa de criar um estilo de maior perfeição.

Nas cidades brasileiras a modernização já era percebida a partir de meados do século XIX, com a expansão das ferrovias, a invenção do telégrafo, motor de

explosão, além das intervenções urbanas. No final do século um novo ritmo era vivenciado pela população dos grandes centros. Os cortiços[†] foram crescendo junto com a população, para abrigar uma massa populacional excluída e que vivia, muitas vezes, na ilegalidade, sobrevivendo como podia e se podia.

As três primeiras décadas do século XX foram férteis em propostas de melhoramentos urbanísticos nas cidades brasileiras. Estas intervenções moldaram a nova configuração da paisagem urbana. Estes melhoramentos tinham como prioridade as obras de infra-estrutura das cidades: saneamento, abertura e regularização de sistema viário, além de projetos urbanísticos para áreas centrais (LEME, 1999).

O crescimento das populações urbanas forçou o aumento da tolerância conciliatória de diferenças. As cidades tinham não somente mais gente, mas, sobretudo, eram formadas de pessoas de origens culturais diferentes. A curiosidade pelo exótico, o gosto pelas viagens a terras desconhecidas e a avidez européia por apropriar-se de elementos de culturas estranhas e absorvê-los em seu sistema cultural, cada vez mais amplo e civilizado, encontraram apoio na máquina a vapor.

O Brasil, colonizado durante trezentos anos pelos portugueses e pelos africanos, tornara-se local de convivência, mestiçagem, sincretismo. No século XIX novos tons de pele, alemães, sírios, italianos, japoneses, espanhóis aportaram no Rio de Janeiro para se integrarem ao conjunto eclético de índios, de negros e de portugueses.

O Rio de Janeiro é um acúmulo de camadas históricas. A permanência e a renovação, inerentes à dinâmica da vida urbana, forçam a convivência de estilos, funções e idades das construções, o que reflete a pluralidade cultural das populações.

A arquitetura eclética interpreta e acentua essa diversidade, possibilita uma *viagem romântica* sonhadora e fantasista. De fato, o público foi estimulado pela literatura a transpor barreiras de tempo, deixando-se levar pela imaginação à época dos cavaleiros, dos faraós ou mandarins. Eclética seria, num sentido estrito, a arquitetura que associa num mesmo edifício referências estilísticas de diferentes origens. Entretanto, no Brasil, convencionou-se usar o termo numa acepção mais elástica para designar a produção de arquitetura inspirada pela academia após o declínio do neoclassicismo.

O Ecletismo foi a expressão da arquitetura que se manifestou após o Neoclassicismo, apoiado, principalmente, pela burguesia em ascensão. O século XIX foi uma espécie de renascimento na arquitetura. Um por um, diversos estilos do passado foram tornando-se populares. Primeiro houve o renascimento grego-romano. As casas, os bancos e edifícios governamentais em estilo clássico surgiram por todo a Europa e América. A seguir veio o Renascimento gótico que se tornou o estilo mais comumente usado nas igrejas, nas universidades e nos edifícios públicos.

Nesse mesmo período, os arquitetos começaram a projetar edifícios decorativos em diversos estilos. Essa arquitetura eclética tinha dois níveis muito distintos: o útil e o decorativo. Pode-se definir o ecletismo como o desenho feito em muitos estilos, mais especificamente a prática de selecionar o melhor dentre vários estilos tentando criar um estilo de maior perfeição. Nele percebe-se uma reavaliação de conceitos e teve fator relevante, a revisão dos princípios e valores dos estilos passados. Através das necessidades que deveriam ser atendidas pelas construções

[†] Habitação coletiva de pessoas pobres, conforme classifica Ferreira (2002, p.190).

se procurou recuperar de cada estilo arquitetônico o que se destacasse e interpretasse melhor a intenção do projeto.

Não se deve esquecer que este movimento apresentou diferentes manifestações e direções sempre numa constante busca pelo ideal. A arquitetura eclética que configurou a paisagem urbana brasileira, enquanto cópia de várias manifestações artísticas, teve todo o seu referencial de desenvolvimento e de *glamour* provenientes da Europa. Entretanto, será abordado um aspecto positivo às edificações aqui construídas, seguindo-se à risca a diversidade de estilos, em voga à época mencionada; trata-se da introdução de jardins possibilitada pelo surgimento de recuos e de afastamentos.

As cidades que possuíam estações ferroviárias receberam as novidades mais rapidamente. Além das novidades que chegam através dos trilhos, chegam também os imigrantes. Estes exerceram uma grande influência no sistema construtivo e decorativo. No século XIX, o construtor italiano substituiu o português. Os italianos também dominaram a mão-de-obra na área decorativa e foram, por exemplo, mestres na técnica do estuque que era de grande importância para o ecletismo.

O ecletismo se tornou assim um estilo muito popular e sua presença é marcante no cenário urbano. A arquitetura do final do século XIX e do princípio do XX foi, sem dúvida alguma, eclética em todas as regiões do país, seja nas construções civis, religiosas, públicas, seja nas particulares e teve total apoio da burguesia em ascensão. Um por um, diversos estilos do passado foram tornando-se populares. Primeiro houve o Renascimento grego-romano. As casas, os bancos e edifícios governamentais em estilo clássico surgiram por todo a Europa e América. A seguir veio o Renascimento gótico, que se tornou o estilo mais comumente usado, nas igrejas, universidades e edifícios públicos.

2 A PAISAGEM URBANA BRASILEIRA E A ARQUITETURA ECLÉTICA

A importância na mudança do uso dos espaços abertos privados tiveram grande importância, pois de acordo com Macedo (1999, p.31):

O cerne da mudança urbana paisagística brasileira do século XIX está, com certeza, contido entre os muros da propriedade privada. É nela que uma modernização bastante drástica se dá, tanto no tocante à arquitetura em si, como na implantação do edifício, que passa a ser disposto de outro modo dentro da propriedade. Por sua vez, o jardim, antes pequeno e restrito a modestos pátios e canteiros, sem um tratamento específico, assume o papel de elemento valorizador da edificação, que deve ser destacada, de modo a exibir a riqueza e a importância de seu proprietário.

O Rio de Janeiro funcionou como porta de entrada do Brasil para todas essas manifestações originadas na Europa, mas a República foi eficaz na rápida interiorização do ecletismo. Quase todas as capitais estaduais e as maiores cidades do país mereceram do governo central da República Velha um palácio eclético para a agência central dos *Correios e Telegraphos*, uma espécie de símbolo moderno. Os estados providenciaram o palácio do governo, a assembléia legislativa e o fórum.

A arquitetura eclética na cidade de São Paulo foi uma manifestação patrocinada pelo capital decorrente do café. O termo ecletismo não era usado na época. A modernização iniciou no interior das moradias com a importação de peças decorativas e equipamentos domiciliares. A mudança dos métodos construtivos

(onde o tijolo substituiu a taipa), a mão-de-obra especializada e a facilidade de obtenção dos artigos procedentes do exterior permitiram novos partidos e programas arquitetônicos.

Paralelamente à arquitetura eclética a paisagem brasileira conheceu, nas primeiras décadas do século XX, o *Art Nouveau*. As primeiras preocupações com a paisagem urbana no Brasil, no plano da concepção e da execução do projeto, datam do século XVIII; geralmente essas intervenções eram inspiradas nos padrões europeus de paisagem. A partir de meados do século XIX até o início do século XX surgem diversas intervenções na paisagem dos grandes centros urbanos, viabilizados pelo poder públicos das administrações municipais; alterando áreas centrais, criando os grandes parques e transformando as antigas chácaras em bairros planejados.

Segundo Segawa (1999, p.19):

Algumas cidades brasileiras, já na segunda metade do século XIX, assimilavam intervenções modernizadoras em suas infra-estruturas, à maneira das metrópoles européias. Cidades como Rio de Janeiro, Recife, Santos, São Paulo, Manaus e Salvador contaram com empresas que instalaram e operaram sistemas de drenagem, abastecimento de água e esgoto urbanos. Também nesse final do século, operavam nessas cidades, e ainda em Fortaleza, Belém e Porto Alegre, companhias de gás, serviços de eletricidade e transporte urbano... A fixação dessa infra-estrutura técnica nas cidades consolidadas configurou medidas que não necessariamente preconizaram a reordenação do tecido urbano, sobretudo a reorganização dos espaços físicos herdados da cidade colonial, no caso brasileiro.

E de acordo com Moraes (1998, p.6):

O desenvolvimento e o crescimento urbano em certas áreas do país (Rio de Janeiro), gerando uma vida urbana bastante especial e contraditória, pois ela foram espantosos e, às vezes, muito rápidos (como em São Paulo e no se erguia fundada em uma sociedade recém-saída da escravidão, cujos traços mais evidentes insistiam em permanecer. Modelos de urbanização e de cidades modernas tentaram impor-se nesse período, promovendo no tecido urbano e social autênticas cirurgias, que, de algum modo, procuravam apagar as características ligadas ao mundo rural de nossa sociedade.

Estas características despontaram em várias cidades brasileiras, mas foram marcantes no Rio de Janeiro e em São Paulo, as duas grandes metrópoles do período. Nessas cidades emergiu um modo de vida urbano diferente com novas culturas e inovadoras apropriações dos espaços urbanos para o lazer. Estas cidades sofreram intervenções em suas áreas centrais, que destruíram as estruturas coloniais e transformaram suas paisagens urbanas em modelos idênticos ao urbanismo europeu.

Ao transformar o espaço urbano e sanear antigas várzeas, tanto na capital da nação, o Rio de Janeiro, como em São Paulo, a capital econômico, o poder público representado pela administração municipal permitiu que ocorresse uma expansão urbana em direção a periferia das cidades muito rápida e desordenada, muitas

vezes, com exceção dos bairros das elites que tiveram suas construções planejadas pelo poder público.

O lazer nos espaços urbanos foi introduzido, a partir do século XVIII, em toda cidade europeia importante, que construiu seu passeio arborizado. Em um primeiro momento, na forma de grandes avenidas arborizadas e *boulevards* e, em seguida, na forma de jardins cercados e passeios públicos, onde os habitantes iam desfrutar dos prazeres do passeio ao ar livre. O hábito de passear e desfilar nos espaços públicos se consolidou como padrão cultural europeu, sendo exportado para a América. No Brasil se incorporou aos hábitos da população a partir de meados do século XIX.

O uso romântico dos espaços urbanos de contemplação e passeio, numa melancólica volta à natureza, dentro do *espaço arquitetônico*[‡] da cidade, transformando de maneira significativa às funções dos largos coloniais brasileiros, que deixou de ser o espaço multifuncional de articulação urbana, passando a ser um espaço cenográfico para a elite social. O ecletismo clássico e romântico, enquanto partido paisagístico, foram os grandes influenciadores criativos e geradores de grandes transformações na paisagem urbana brasileira.

A centralização da influência cultural na França e na Inglaterra transformou o padrão eclético-cultural brasileiro, principalmente das elites, em cópia dos padrões europeus, com poucas adaptações às realidades nacionais. Ocorreu uma crescente valorização da natureza devido ao avanço da urbanização e ao processo de industrialização da Europa.

No final do séc. XIX os parques e passeios se espalham pelas cidades do Brasil, sempre muito elaborados, tinham a principal função de chamar a população para a contemplação, repouso e o ócio. No início do séc. XX são construídos os primeiros parques privados, concebidos e administrados por empresas particulares, que, mediante ingresso pago, ofereciam à população acesso a exposições, zoológicos e toda espécie de diversão.

Segundo Bueno (2004, p.274):

Para milhões de brasileiros o sinal mais evidente de que o país estava entrando no século XX foi a construção, no Rio de Janeiro, da esplêndida avenida Central. O amplo bulevar de dois quilômetros de comprimento e 33 metros de largura, com calçadas de 7 metros de largura ladeadas por prédios suntuosos, rasgou o coração da capital federal, marcando sua transformação de cidade malsã em cidade maravilhosa. O termo *rasgou* deve ser tomado literalmente: agindo com poderes que os jornais definiam como *ditatoriais*, a equipe contratada pelo presidente Rodrigues Alves (eleito em março de 1902 e, depois de Prudente de Moraes e Campos Sales, o terceiro paulista a ocupar sucessivamente o cargo), derrubou 614 imóveis em menos de um ano. A obra foi terminada no tempo recorde de 18 meses.

A capital do Brasil teve áreas inteiras transformadas em lugares mais saudáveis, para expressar o pensamento paisagístico deste período, principalmente pelo poder público estar diretamente ligado a todo este processo, novamente a capital da nação deveria ser transformada para materializar na sua paisagem o momento político e econômico brasileiro.

[‡] Referindo-se ao pensamento de Zevi (2000, p.25), quando diz que “ a experiência espacial da própria arquitetura prolonga-se na cidade, nas ruas e praças, nos becos e parques, nos estádios e jardins, onde quer que a obra do homem haja limitado vazios [...]”.

Nas palavras de Pinheiro (2002, Caderno B):

A virada do século XIX para o XX assistiu uma verdadeira revolução na cidade do Rio de Janeiro. Com uma população que chegava a seiscentos mil habitantes, a maioria deles constituída por pobres, ex-escravos, imigrantes nacionais e estrangeiros [...]. Vivia anos difíceis a capital da nação. Comparada à sua rival, Buenos Aires, era andrajosa e mal tratada, como tão bem mostravam as charges de Ângelo Agostini em sua revista Dom Quixote. Ruas estreitas e sujas, escuras e mal cheirosas. Ruas onde o vento não circulava e o sol mal entrava. Em seus becos, travessas e largos circulava uma população assediada por pedintes e vendedores ambulantes. Bêbados concentravam-se nos quiosques espalhados por todos os lugares, dando origem a constantes brigas e confusões. Tal era a paisagem da área central, o local mais denso, povoado e importante da metrópole e do Brasil. Levadas pelos bondes as classes de renda mais alta já haviam se evadido para as terras vizinhas das zonas sul e norte, afastando-se do território caótico do centro e acelerando o processo de urbanização da cidade, que fez surgir novos bairros em locais mais aprazíveis, seguros e seletos. Apesar disto era no Centro que se localizava a representação máxima da vida urbana no país e foi ali que, a partir de 1903 se decidiu reconstruir a imagem simbólica da cidade destinada a representar um país recém proclamado republicano e ávido na busca de integrar-se ao cenário internacional, como uma nação promissora, organizada e moderna. O Brasil precisava mostrar-se capaz de juntar-se ao restrito clube do mundo civilizado. Para tanto necessitava, entre outras coisas, exibir um cenário digno dessa intenção em sua capital. Principalmente no local onde se situavam os estabelecimentos mais representativos do país e os principais agentes do poder, do capital e da cultura. Reformar a paisagem urbana era, portanto imperioso. E o local escolhido para isto foi o núcleo central.

O então prefeito do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos, viabilizou um conjunto de medidas sanitárias para a cidade, que contava com drásticas transformações paisagísticas e urbanísticas, incluindo mudanças na planta da cidade e ações de vigilância sanitária; a chamada operação *bota-abaixo*. O porto foi modernizado e avenidas e praças foram abertas, alargaram-se calçadas e ruas.

O modelo paisagístico e urbanístico mais uma vez foi o europeu, precisamente os métodos do Barão de Haussmann, contratado por Napoleão III para executar a grande reforma em Paris nos meados do século XIX. Com o apoio do presidente Rodrigues Alves o prefeito do Rio de Janeiro teve a assessoria direta do médico sanitário Oswaldo Cruz, e juntos eles expulsaram para longe a população pobre, erradicaram as epidemias, sanearam o espaço urbano, redesenharam ruas e reconstruíram edifícios, transformando a paisagem colonial da área central da cidade em grandes avenidas arborizadas, com traçado amplos e calçadas pavimentadas em mosaicos portugueses, acabando com os antigos e desconfortáveis paralelepípedos de pedra e a iluminação elétrica substituíram os lampiões a gás.

Se por um lado o alargamento das calçadas teve objetivou a instalação das melhorias como a instalação de iluminação e arborização urbana adequadas, o calçamento das vias tinha uma a prioridade se adequar aos novos meios de transporte coletivo e individual.

A arquitetura romântica traduzia na paisagem urbana a busca pelos padrões europeus do século XIX. Os edifícios em arquitetura colonial e neoclássico ganharam novas fachadas, desaparecem beirais e platibandas e os usos de florões,

cabeças de deuses gregos e romanos, dragões, leões, cariátides eram encontrados em profusão na nova arquitetura. Quase tudo era permitido, principalmente na arquitetura vernacular dos pequenos sobrados espalhados pelas ruas menores do Centro, que mimetizavam os estilos eruditos dos grandes prédios da Avenida Central. Chamada de eclética, a nova arquitetura carioca caracterizava-se pela profusão de elementos decorativos, que fazia conviver, às vezes num mesmo prédio, estilos os mais diferentes como o clássico antigo, o românico, o gótico, o renascentista, o barroco e o rococó.

De acordo com Macedo (1999, p.45):

O século XX apresenta as posturas do Ecletismo devidamente consolidadas no Brasil, sendo comum à arborização e o calçamento de ruas, as construções de calçadas largas, de mirantes e belvederes, além da criação de praças ajardinadas e parques. Na rua, o pedestre tem seu espaço separado do veículo, a calçada, que deve ser arborizada e iluminada. Ele pode contemplar a paisagem marinha pelas muradas de uma avenida beira-mar, fazer compras em um *boulevard*, passear por praças cuidadosamente ajardinadas, ir ao parque, ao zoológico e ao Jardim Botânico, locais apropriados para atividades coletivas como piqueniques e jogos.

As transformações paisagísticas das orlas das praias as transformaram e parques lineares de traçado romântico, inspirado nos parques franceses, e com isso as elites começam a ocupar as áreas costeiras. A Praia de Copacabana foi o primeiro parque-praia do país, usada para banhos e lazer.

Não só a cidade do Rio de Janeiro passou por significativas intervenções e alterações na paisagem urbana. Em São Paulo se construiu o parque D. Pedro II (1914-1922), com traçado eclético clássico em um terreno de várzea, que se transformou em uma área de recreação e contemplação. Outra intervenção foi o complexo paisagístico do Vale do Anhangabaú, além do Parque Trianon, na Avenida Paulista, com traçado orgânico e uma sinalização romântica. Belém é um outro exemplo, com o término do ciclo da borracha, a área central também seguiu as transformações das outras cidades importantes do país, ganhando grandes conjuntos de praças, tão grandes e bem planejadas que formavam pequenos parques, como a Praça da República e a Praça Dom Pedro II.

O café indiretamente ativou a indústria em São Paulo, que foi estruturada em atividades vinculadas à produção cafeeira como a sacaria, embalagem, ferrovias, construção, etc. Foi o capital proveniente da cafeicultura que financiou as reformas urbanas, melhorando as infra-estruturas urbanas e transportes na cidade de São Paulo. E segundo Moraes (1998, p.34-35):

Por tudo isso, por volta de 1905-07 a indústria em São Paulo ganhou um grande impulso, mas [...], ainda representava somente 16,5% da produção industrial. Crescendo incessantemente na década de 1910, esse vertiginoso processo de desenvolvimento se revelaria de maneira candente nos anos de 1920. A população paulistana, por exemplo, aumentou tremendamente, tornando São Paulo a segunda cidade do país e a de maior taxa de crescimento entre todas as cidades brasileiras. [...] é possível imaginar as contradições e os problemas gerados em uma cidade que, em menos de cinquenta anos, se transformou de um núcleo urbano tímido e ruralizado na maior cidade industrial do país.

Os bairros das elites paulistanas se ergueram longe do centro deteriorado, seguindo na direção das antigas chácaras[§] loteadas na Vila Buarque, Campos Elíseos e formaram bairros nobres como Higienópolis e Pacaembu. Ao alto do espigão ergueu-se a avenida Paulista, o ícone do poder econômico dos barões do café do século XIX. Mais do que nunca a elite procurava se distanciar do centro da cidade, vivendo costumes e padrões europeus, sendo eleito o ecletismo arquitetônico e paisagístico, o agente conceitual deste pensamento de época.

O Jardim América, considerado o mais moderno da cidade, foi implantado em 1912; seguindo o modelo de planejamento europeu da Cidade Jardim de Ebenezer Howard, reforçando os princípios *modernos* e *civilizadores* da Europa (Moraes, 1998 p.51). Já Macedo (1999, p.3) afirma:

O bairro de Higienópolis, conhecido como Boulevard Buchard, assim como a Avenida Paulista foi todo concebido de modo a configurar a imagem de um bairro residencial francês, cortado por ruas e calçadas largas e arborizadas. É a primeira área urbana do país totalmente ocupadas por palacetes, já que a construção de casas geminadas é tolerada apenas nas suas ruas lindeiras aos bairros de vizinhanças.

São Paulo nos fins do século XIX e início do século XX tinham problemas em relação ao trânsito e a salubridade. Ruas estreitas não davam para a circulação dos novos veículos. Assim em 1906 o córrego do Anhangabaú, no centro da cidade tem um tratamento paisagístico e é implantada uma nova avenida no fundo do Vale, ao modelo de Haussmann, conforme atesta Pongelupi (2005, p.3).

Observa-se uma nova fase de afirmação do urbanismo, que se expande e atua na maioria das cidades brasileiras. O Plano de Avenidas, de Francisco Prestes Maia, para São Paulo, em 1930, é um exemplo expressivo dessa nova forma de planejar a cidade. Propondo um sistema articulado de vias radiais e perimetrais, ele propõe uma transformação da circulação centro-bairros e dos bairros entre si.

O *Plano de Avenidas de São Paulo* foi um projeto para completar o sistema e viação da cidade, que necessitava de um plano de remodelação urbana. A Avenida São João foi entendida da rua Victória à praça Marechal Deodoro, a Avenida Anhangabaú teve seus planos aprovados e estradas intermunicipais foram quase todas pavimentadas dentro do município, uma a uma cada um asfaltado, outras a concreto de cimento.

O processo urbanizador na passagem do século XIX para o XX também criou novas cidades brasileiras como, por exemplo, Belo Horizonte, em Minas Gerais, por ter sido totalmente planejada, ela se tornou uma cidade cuja paisagem se diferenciava de todas as existentes, não possuindo uma realidade caótica a ser resolvida.

Em primeiro lugar se optou pelo pequeno povoado de Belo Horizonte para abrigar a nova capital por ser próximo ao centro do estado. O início da construção foi em 1895 e o seu término em 1897, tendo como modelo urbanístico à cidade de Washington D.C., capital dos Estados Unidos, cidade também planejada.

Construída para ser a capital econômica de Minas Gerais, Belo Horizonte não possuía dificuldades de saneamento e transporte como grandes centros do Rio de Janeiro e São Paulo, a serem resolvidos; e tendo ruas e quarteirões amplos, inicialmente a cidade não passou por aqueles problemas inerentes aos centros

[§] Pequena propriedade campestre, em geral perto da cidade, com casa de habitação, sítio; de acordo com Ferreira (2002, p.147).

urbanos em crescimento. Seu crescimento foi mais lento, se comparado com as outras capitais brasileiras. Sua altitude e a cadeia montanhosa que circundam a cidade produziram um clima agradável que, somados á beleza natural caracterizaram Belo Horizonte como um local para o lazer passivo e recuperação de pacientes que sofriam de doenças pulmonares decorrentes das décadas do século XX Moraes (1998, p.63-64).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil tinha uma economia urbana muito precária e começou a se urbanizar nos seus principais centros, Rio de Janeiro e São Paulo, criando condições para os profissionais projetarem, ainda sob o padrão europeu, as primeiras intervenções urbanísticas na paisagem. Na década de 10, os urbanistas ingleses Raymond Unwin (1863-1940) e Barry Parker (1867-1941) foram contratados para organizar loteamentos de grandes áreas rurais da cidade de São Paulo para anexá-las à área urbana com a finalidade de criar bairros de alto padrão, além dos projetos do Jardim América, City Lapa e a remodelação de um jardim público na avenida Paulista, o Trianon. Cegada (1999, p.22).

No período, houve também uma intensa criação de espaços urbanos, destacando-se o cinturão de parques do centro de São Paulo, chamado *Plano Boward*, além do Parque do Ipiranga. No Rio de Janeiro, foram criadas a avenida Central e a avenida Costeira, atual avenida Beira-Mar, e o espaço para a Exposição de 1922. Paralelamente a isso, diversos parques em estâncias balneárias surgem nas diversas capitais do país. A modernização era a referência de organização das cidades e a ciência e a técnica ajudaram nesse processo de transformação da paisagem urbana, sempre à maneira das grandes metrópoles européias e norte-americanas.

No Brasil, o Rio de Janeiro foi à cidade, sem dúvida alguma, que passou pelas maiores intervenções urbana; mas de um modo geral, as circulações das cidades mereceram um destaque especial neste processo de transformações das estruturas urbanas coloniais, em decorrência, principalmente, do surgimento do bonde e do automóvel que obrigou que as ruas existentes fossem alargadas e outras mais largas construídas, além de marcar, no cenário urbano brasileiro, a inserção das avenidas no desenho das cidades.

ABSTRACT: The object of study of this paper has been the investigation of the Brazilian urban landscape as a product of the eclectic architecture of the early XXth Century, mainly the landscape and urban interventions in the cities of Rio de Janeiro and of São Paulo. Given eclecticism as the structuring artistic reference of the urban landscape, this study detects the effects produced by the eclectic architecture in the construction of free spaces and/or in the revitalization of old ones; it also shows how this process happened and considers its causes and consequences.

KEYWORDS: architecture; urban landscape; eclecticism; interventions

BIBLIOGRAFIA

BUENO, Eduardo. *Brasil: uma História. A incrível saga de um país*. São Paulo: Ática, 2004.

D'AMBRÓSIO, Oscar. Modernização urbana. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 193, out. 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *O minidicionário da língua portuguesa: Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s.d.].

LEME, Silvia. *Urbanismo no Brasil*. São Paulo: FUPAM/USP, 1999.

MACEDO, Silvio Soares. *Quadro do Paisagismo no Brasil*. São Paulo: FAPESP, 1999.

MORAES, José Geraldo V. de. *Cidade e Cultura urbana na primeira república*. São Paulo: Atual, 1998.

PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas. O Rio como ele era em 1900. *Jornal do Brasil*, 19 maio 2002. Caderno B.

PONGELUPI, Taciana. *A reconfiguração da cidade colonial e os melhoramentos urbanos propostos e implantados durante a Primeira República*. 2005. Disponível em: < <http://www.spsitecity-planos>.> Acesso em: 26 ago. 2005.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 1999.